



GOVERNO DO ESTADO  
RIO GRANDE DO SUL

ANO 17 Nº 6  
Junho de 2008

# Carta de

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
Secretaria do Planejamento e Gestão  
FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA  
Siegfried Emanuel Heuser

# Conjuntura FEE

## O significado da conquista do grau de investimento

No dia 30 de abril de 2008, o Brasil recebeu a certificação de grau de investimento pela agência de classificação de risco Standard & Poor's (S&P), que atualizou o grau do País de BB+ para BBB-, com perspectiva estável, significando que o País é opção segura em termos de risco de crédito. Outras agências, especialmente a Mood's e Fitch, ainda classificam o Brasil como grau especulativo, mas considera-se que é apenas questão de tempo seguirem a S&P, já que as classificações são fortemente correlacionadas. O anúncio surpreendeu o mercado, que dava como certa a certificação, mas somente para 2009, em razão da turbulência nos mercados financeiros internacionais de 2007/08. Tão logo se deu o anúncio, os mercados reagiram, a taxa de câmbio vem caindo, enquanto o Ibovespa bate seguidos recordes.

O relatório da S&P destacou a maturidade institucional do Brasil, evidenciada pela melhora fiscal, pela redução da dívida externa e pelo crescimento. Foram considerados pontos fortes da perspectiva do País a manutenção do regime de câmbio flutuante e do regime de metas de inflação. O relatório também destacou a independência na prática operacional do Banco Central. Já os pontos fracos estão associados à elevada relação dívida líquida/PIB do Governo — muito acima da dos países com a mesma classificação do Brasil —, ao crescimento acelerado dos gastos públicos correntes e às barreiras estruturais ao investimento, na forma de altas taxas de juros e de pouca participação do setor privado nos investimentos em infra-estrutura. Não há um otimismo quanto à aprovação de reformas estruturais, porém a evolução de um conjunto de medidas de menor impacto tem sido considerada satisfatória.

Quanto à taxa de juros, os efeitos dar-se-ão mais no médio prazo, pois, no curto prazo, a sua trajetória ainda refletirá a política monetária apertada. Assim, a curva de juros deve ficar menos inclinada diante do menor prêmio de risco embutido nos prazos mais longos, fazendo com que, ao longo do tempo, as taxas de juros de curto prazo comecem a cair. Isso já está impactando os mercados de financiamento de prazo mais longo. Financiamentos habitacionais e financiamentos de prazos longuíssimos para bens duráveis, que focam especialmente as taxas de longo prazo, já vislumbravam uma curva de juros com taxas longas em queda coexistindo com taxas curtas ainda extremamente elevadas, tornando bastante rentáveis essas operações. Isso garante uma boa perspectiva, em especial para os mercados imobiliário e de automóveis.

A curva de juros menos inclinada terá também efeitos na taxa de câmbio. Com a perspectiva de alta nos fluxos financeiros e nos investimentos diretos, com os preços das *commodities* exportadas pelo Brasil em alta e a fraqueza glo-

bal do dólar, não será surpresa se a taxa de câmbio cair abaixo de R\$ 1,50 nos próximos meses, com a tolerância do Banco Central, que não hesitará em utilizar esse instrumento para enfrentar uma inflação que se mostra crescente.

A evidência relativa aos países que receberam o grau de investimento nos últimos anos mostra que os mercados antecipam a certificação, de tal maneira que os preços dos ativos domésticos começam a subir em torno de um ano antes do anúncio. Em alguns casos, os ativos esgotam sua valorização antes mesmo do anúncio, como no caso do México. A antecipação, porém, não tem como ser plena, pelas restrições estatutárias de aplicações em países não certificados e pelo grau de investimento por parte de vários fundos estrangeiros. Esses fluxos é que devem fazer diferença, ainda que, para virer, tenham que esperar por certificações adicionais.

Escala de classificação das agências de rating

ESPECIFICAÇÃO	MOOD'S	S&P	FITCH
Grau de Investimento	Aaa	AAA	AAA
	Aa1	AA+	AA+
	Aa2	AA	AA
	Aa2	AA-	AA-
	A1	A+	A+
	A2	A	A
	A3	A-	A-
	Baa1	BBB+	BBB+
	Baa2	BBB	BBB
	Baa3	BBB-	BBB-
Investimento de Risco	Ba1	BB+	BB+
	Ba2	BB	BB
	Ba3	BB-	BB-
	B1	B+	B+
	B2	B	B
	B3	B-	B-
	Caa1	CCC+	CCC
	Caa2	CCC	CC
	Caa3	CCC-	C
	Ca	CC	DDD
	C	SD	DD
	-	D	D

FONTE: Mood's.  
Standard & Poor's.  
Fitch.

Eduardo Lamas (FEE/CIE)

## Resultados da avaliação do rendimento escolar do Rio Grande do Sul — 2007

Participaram da avaliação do rendimento escolar no Rio Grande do Sul, realizada pelo Sistema de Avaliação Estadual da Educação do RS (Saers), em 2007, 280.000 alunos de 2,8 mil escolas estaduais, de 58 municípios, e 16 instituições particulares. Esse exame é complementar à Prova Brasil, do Ministério da Educação. Utilizaram-se as mesmas escalas de conhecimento dos exames do MEC, cuja análise de proficiência de Português e Matemática é calculada de zero a 500 pontos. No caso da segunda série do ensino fundamental, foi utilizada escala própria do Saers, pontuando entre zero e 1.000.

Os resultados da tabela são organizados geograficamente pelas Coordenadorias Regionais da Educação, que abrangem vários municípios, com alunos de segunda à quinta série do ensino fundamental e do primeiro ano do ensino médio.

Destaca-se a disciplina de Matemática, cuja proficiência é sempre superior à de Língua Portuguesa, seja qual for a série. A Coordenadoria de Bento Gonçalves predomina acima da média do RS; e a de Cruz Alta, abaixo da média.

Em Língua Portuguesa, na proficiência da segunda série do ensino fundamental, caso se considere a escala utilizada, a situação é calamitosa, particularmente na Coordenadoria de Cruz Alta. Nas demais séries, a média estadual não atinge 50% da escala. No primeiro ano do ensino médio, o destaque é Bento Gonçalves, ligeiramente acima.

Cabe ressaltar-se que, mesmo nas Coordenadorias que se saíram melhor, as médias em Matemática e Português expressam a precariedade do sistema atual de ensino, evidenciando a necessidade de políticas públicas incisivas.

Resultados da avaliação do rendimento escolar no RS — 2007

SÉRIES	PORTUGUÊS		MATEMÁTICA	
	Proficiência	Local e/ou Coordenadoria	Proficiência	Local e/ou Coordenadoria
2ª série (ou 3º ano) do ensino fundamental	Maior 167,1 Menor 140,9 Média 152,3	Santa Rosa Cruz Alta RS	Maior 783,9 Menor 745,5 Média 762,4	Santa Rosa Cruz Alta RS
5ª série (ou 6º ano) do ensino fundamental	Maior 212,1 Menor 191,4 Média 202,4	Bento Gonçalves Três Passos RS	Maior 224,6 Menor 195,4 Média 211,1	Bento Gonçalves Cruz Alta RS
1º ano do ensino médio	Maior 257,8 Menor 226,7 Média 249,8	Bento Gonçalves Cruz Alta RS	Maior 279,7 Menor 240,6 Média 263,2	Bento Gonçalves Cruz Alta RS

FONTE: Secretaria Estadual da Educação do RS (Seduc).  
Sistema de Avaliação Estadual da Educação do RS (Saers).

Carlos Roberto Winckler (FEE/NEESF)

## A rápida queda do saldo da balança comercial brasileira

Do lançamento do Plano Real a 2001, o desempenho da balança comercial brasileira foi precário. Por isso, mantiveram-se excessivos os déficits em transações correntes e as necessidades de financiamentos externos da economia. Como consequência, o País experimentou instabilidade e crises cambiais repetidas, o que foi decisivo para manter baixa a taxa média de crescimento da economia. A partir do segundo semestre de 2001, as exportações passaram a crescer mais rapidamente do que as importações. A balança comercial galgou superávits elevados e crescentes; a conta de transações correntes passou a ser superavitária. Dissipou-se o obstáculo externo para acelerar o crescimento. A melhora das contas externas, ao lado da vultosa entrada de capitais externos (em

grande parte, atraídos pelas altas taxas de juros), causou uma tendência de valorização cambial, que, cada vez mais, tem estimulado as importações e onerado as exportações. A partir de 2006, o crescimento das importações acelerou-se mais e mais (ver tabela) e suplantou larga e persistentemente o das exportações. O saldo comercial tem caído com velocidade crescente. Em 2007, caiu 13,8% frente a 2006. A soma dos 12 meses encerrados em maio último apresentou queda de 32,4% frente a igual período anterior. Esses fatos levantam a pergunta: o câmbio flutuante induzirá um equilíbrio das contas externas propício ao crescimento, ou se está assistindo ao prenúncio de problemas já experimentados no passado?

Balança comercial brasileira — 2005-maio/08

PERÍODOS	EXPORTAÇÕES		IMPORTAÇÕES		SALDO COMERCIAL	
	Valores (US\$ bilhões)	Δ%	Valores (US\$ bilhões)	Δ%	Valores (US\$ bilhões)	Δ%
2005	118,3	22,3	73,6	17,1	44,7	32,9
2006	137,8	16,5	91,3	24,1	46,4	3,9
2007	160,7	16,6	120,6	32,0	40,0	-13,8
Maio/08	(1)166,9	(2)15,2	(1)135,2	(2)38,0	(1)31,7	(2)-32,4

FONTE DOS DADOS BRUTOS: IPEADATA.

(1) Valores absolutos iguais à soma dos últimos 12 meses encerrados em maio de 2008. (2) Taxas de crescimento dos valores absolutos em comparação com igual período anterior.

Roberto Silveira Marcantonio (FEE/CIE)

## Carta de Conjuntura - Ano 17 nº 6

### Erradicação da miséria e da pobreza na RMPA

A menos da metade do prazo final assumido por 191 países para reduzir a miséria do Planeta, compromisso elaborado durante a Cúpula do Milênio, organizada pela ONU no ano 2000, e no RS, através da **Carta de Porto Alegre**, em 2004, por decisão do Fórum da Responsabilidade Social e Desenvolvimento, pesquisas da FEE indicam que ainda resta muito a ser feito.

Buscando avaliar a situação dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA), recorremos à pesquisa sobre os ODM nos municípios do RS, divulgada em junho de 2007, em que, para cada uma das 18 metas a serem atingidas em 2015, foi projetada uma tendência com base na velocidade do esforço realizado entre 1991 e 2005.

Encontraram-se sete indicadores nas categorias: **Alcançado** e **A caminho**, mostrando que, se essa tendência for mantida, as metas serão alcançadas; entretanto, nas categorizações

Indicadores dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) nos municípios da RMPA com mais de 100.000 habitantes categorizados com mais dificuldades para atingir as metas das mudanças até 2015 — 2005

MUNICÍPIOS	POPULAÇÃO EM 2005	NÚMERO DE MUNICÍPIOS CATEGORIZADOS COMO AVANÇO LENTO E NENHUMA MUDANÇA OU MUDANÇA NEGATIVA	PERCENTUAL DOS ODM
Novo Hamburgo .....	257 285	14	77,78
Gravataí .....	261 619	13	72,22
Alvorada .....	216 122	12	66,67
Canoas .....	329 456	12	66,67
Guaíba .....	100 010	12	66,67
Porto Alegre .....	1 416 735	12	66,67
Cachoeirinha .....	119 603	10	55,56
Sapucaia do Sul .....	132 980	10	55,56
Viamão .....	265 455	10	55,56
São Leopoldo .....	212 785	9	50,00

FONTE: FEE/NIS.  
Fórum RS.

Hélio Puig Gonzalez (FEE/CIE)

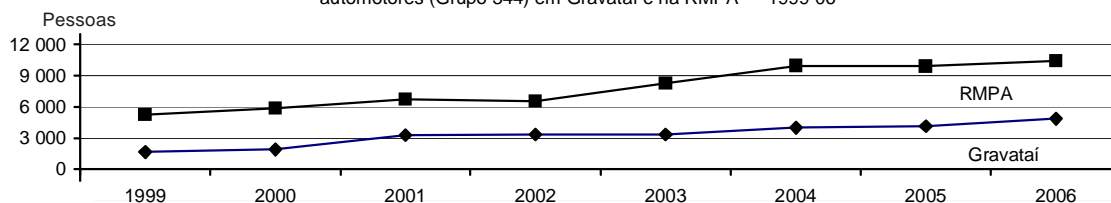
### O emprego industrial em Gravataí e na RMPA: os efeitos do complexo GM

A instalação do Complexo Industrial Automotivo de Gravataí (CIAG) em julho de 2000 foi cercada de expectativas e de controvérsias, notadamente no que respeita à geração de empregos, por se tratar de uma indústria que utiliza tecnologia avançada, poupadora de mão-de-obra. A nova planta, ao se cercar de uma rede de fornecedores de primeira linha (os sistemistas) e de uma rede de prestadores de serviços auxiliares e de fornecedores de autopeças, insumos e matérias-primas para a General Motors (GM) e para os seus fornecedores, provocaria um efeito multiplicador sobre o emprego no município-sede da montadora e nos arredores, ou seja, na RMPA.

Considerando-se o ano de 1999, que antecede a vinda da montadora, e o de 2001, início do pleno funcionamento do CIAG, ocorreu, em Gravataí, um salto (98,5%) no contingente

de empregados formais nos dois segmentos industriais em que a GM e os seus principais sistemistas estão enquadrados (fabricação de automóveis, caminhonetes e utilitários; fabricação de peças e acessórios para veículos automotores), enquanto, na RMPA, o incremento foi de 27,8%. No cômputo dos sete anos (1999 a 2006), o emprego cresceu 197,5% em Gravataí e 98,6% na RMPA, muito acima da indústria de transformação (64,4% em Gravataí e 24,7% na RMPA), que serve como um balizador. Gravataí passou, assim, de 6,1% do emprego formal na indústria de transformação da RMPA em 1999 para 8,0% em 2006, enquanto, nos segmentos produtivos observados, o Município avançou de 31,3% para 46,5%. Percebe-se, pois, que o impacto do complexo GM é bem menor fora de Gravataí.

Emprego formal na fabricação de automóveis, caminhonetes e utilitários (Grupo 341) e peças e acessórios para veículos automotores (Grupo 344) em Gravataí e na RMPA — 1999-06



FONTE: MTE/RAIS.

NOTA: Grupos 341 e 344 da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE).

Maria Isabel H. da Jornada (FEE/CEES)

## As exportações do Rio Grande do Sul por porte de empresa

Os efeitos da valorização do real vêm sendo sentidos pelas empresas exportadoras. Isto porque aquelas com baixa ou mesmo nenhuma utilização de insumos e matérias-primas importados não podem compensar sua perda de rentabilidade via redução no custo desses fatores de produção, cujo pagamento se dá em real. O mesmo ocorre com as exportadoras com maior uso do fator mão-de-obra, cuja remuneração é feita em moeda nacional, enquanto as receitas são auferidas em dólares. Desse modo, empresas que usam intensamente matérias-primas nacionais e mão-de-obra acabam perdendo competitividade junto aos mercados externos. Tal é o caso da maior parte das micro e pequenas empresas (MPEs) exportadoras do RS, tendo em vista os tipos de produtos que exportam. Assim, em 2006, em todas as faixas de empresas por porte, exceto as grandes, observou-se um recuo no número de exportadoras. Estudos já revelaram que essa saída das pequenas e médias empresas do mercado só não tem sido maior devido ao fenômeno que se convencionou chamar de “histerese de exportação”, em que, uma vez introduzida no mercado exportador, a firma opta por lá permanecer, mesmo em situação desfavorável, devido aos custos de entrada e saída.

As micro e pequenas empresas exportadoras gaúchas são mais sensíveis à valorização do real, porque exportam, prioritariamente, produtos manufaturados intensivos em mão-de-obra e em matérias-primas nacionais, com mercados pouco dinâmicos e com baixa e média tecnologias, o que as torna

mais vulneráveis à concorrência internacional. À medida que aumenta o tamanho das empresas, as exportações ficam mais distribuídas entre produtos básicos e manufaturados. Tal fato se explica pelo maior número de grandes empresas exportadoras de produtos básicos, muitas delas, inclusive, multinacionais ligadas ao mercado de *commodities*, com destaque para fumo e soja. Com um percentual bem mais alto de participação de *commodities* — cujos preços estão em alta no exterior — e com mais condições estruturais para enfrentar a concorrência externa, essas empresas vêm conseguindo superar melhor as atuais dificuldades encontradas pelo setor exportador gaúcho. Cabe destacar-se que os calçados são exportados por empresas de todos os portes, e os móveis só não fazem parte da lista de principais produtos nas de grande porte, onde preponderam as vendas de *commodities*.

As MPEs do Estado vendem especialmente para o Mercosul, principal mercado para seus produtos manufaturados. Já as micro e pequenas especiais (que têm poucos empregados, mas exportam mais de US\$ 1,2 milhão) e as médias têm seu principal mercado nos Estados Unidos e no Canadá, que importam a maior parte de seus produtos manufaturados. Por sua vez, as grandes, que, além de manufaturados, também são importantes exportadoras de produtos básicos, vendem principalmente para a União Européia, sendo a região da Ásia-Pacífico seu segundo mercado comprador, para onde predominam as vendas de *commodities*.

Principais produtos exportados, por porte de empresa, pelo RS — 2006

<b>Microempresas</b>	Calçados, suas partes e componentes; móveis e suas partes, exceto médico-cirúrgicos; couros e peles, depilados, exceto em bruto; máquinas e aparelhos para uso agrícola (exceto trator); pedras preciosas ou semipreciosas trabalhadas.
<b>Pequenas empresas</b>	Móveis e suas partes, exceto médico-cirúrgicos; calçados, suas partes e componentes; couros e peles, depilados, exceto em bruto; pedras preciosas ou semipreciosas trabalhadas; fumo em folhas e desperdícios.
<b>Micro e pequenas empresas especiais</b>	Calçados, suas partes e componentes; móveis e suas partes, exceto médico-cirúrgicos; couros e peles, depilados, exceto em bruto; madeira em estilhas ou em partículas; arroz em grãos, inclusive arroz quebrado.
<b>Médias empresas</b>	Polímeros de etileno, propileno e estireno; calçados, suas partes e componentes; couros e peles, depilados, exceto em bruto; fumo em folhas e desperdícios; móveis e suas partes, exceto médico-cirúrgicos.
<b>Grandes empresas</b>	Fumo em folhas e desperdícios; calçados, suas partes e componentes; soja mesmo triturada; carne de frango congelada, fresca ou refrigerada, inclusive miúdos; carne de suíno congelada, fresca ou refrigerada.

FONTE: SEBRAE.

Teresinha Bello (FEE/CEES)

CARTA DE CONJUNTURA FEE (elaborada com informações até 29.05.08).

ISSN 1517-7262

A *Carta de Conjuntura FEE* é uma publicação mensal de responsabilidade dos editoriais. As opiniões não exprimem um posicionamento oficial da FEE ou da Secretaria do Planejamento e Gestão.

Tiragem: 250 exemplares.



**Fundação de  
Economia e  
Estatística**

Presidente: Adelar Fochezatto  
Diretor Técnico: Octavio Augusto Camargo Conceição  
Diretor Administrativo: Nóra Angela Gundlach Kraemer

**Conselho Editorial da Carta:** Octavio Augusto Camargo Conceição, Adalberto Alves Maia Neto, Miriam De Toni e Roberto da Silva Wiltgen.

**Núcleo de Dados:** Marilene Gauer (coordenação), Ana Maria de Oliveira Feijó e Jussara Lima do Nascimento.

**Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser**  
Rua Duque de Caxias, 1691 - Porto Alegre  
CEP 90010-283

E-mail: conjuntura@fee.tche.br  
www.fee.rs.gov.br

#### Editoração

**Supervisão:** Valesca Casa Nova Nonnig. Secretária: Vera Lúcia Pires Dalberto. Expedição: Lisete Maria Giroto.

#### Revisão

Coordenação: Roselane Vial. Revisores: Breno Camargo Serafini, Rosa Maria Gomes da Fonseca, Sidônia Therezinha Hahn Calvete e Susana Kerschner.

#### Editoria

Coordenação: Cirei Pereira da Silveira. Composição, diagramação e arte final: Denize Maria Maciel, Ieda Terezinha Koch Leal e Rejane Maria Bondanza Lopes. Conferência: Lourdes Teresinha dos Santos, Rejane Schmitt Hübner e Vera Sonia da Silva Castro. Impressão: Cassiano Osvaldo Machado Vargas e Luiz Carlos da Silva.